

## EM QUE CONSISTE A FILOSOFIA?

*O texto que se segue tem a forma de uma entrevista. Esta entrevista é fictícia: destina-se a introduzir os estudantes nas características da disciplina de filosofia de uma forma cómoda e simples, sem pressupor qualquer conhecimento prévio. A segunda vantagem é a de permitir ordenar os diferentes aspectos envolvidos nesta caracterização.*

1. Há por vezes a ideia de que a filosofia é uma disciplina complicada, apenas acessível aos especialistas. É verdade?

**RESPOSTA** É verdade que a filosofia resulta de uma reflexão sobre alguns dos mais decisivos e complexos problemas que se colocam à razão humana. Mas alguns desses problemas surgem pela primeira vez na adolescência, e são bastante fáceis de compreender – por exemplo, quando nos interrogamos acerca do sentido da vida, da existência de Deus, do lugar dos seres humanos no universo, ou do significado de conceitos como os de justiça, de bem, de beleza, etc. A filosofia é o produto da nossa reflexão e estes problemas filosóficos surgem geralmente de forma espontânea, em consequência da nossa curiosidade acerca de nós próprios e das nossas ideias mais básicas. Sócrates, um filósofo grego antigo, pensava que a vida só se torna digna de ser vivida quando estamos dispostos a reflectir e a examinar sem preconceitos as suas várias dimensões, as nossas expectativas e formas de vida, mas sobretudo a razão de ser das nossas convicções.

2. As ciências também são fruto da curiosidade humana. Como podemos distinguir a filosofia das ciências empíricas?

**RESPOSTA** Não é só a filosofia, seguramente, que nasce da curiosidade natural dos seres humanos: o mesmo acontece com as ciências. A biologia, a química, a psicologia, etc., dão-nos uma enorme massa de ensinamentos sobre o mundo, as forças que nele actuam, a sua origem e evolução, desde a matéria inanimada até ao aparecimento da vida e, com ela, da realidade humana, o seu comportamento, motivações, etc. Estes conhecimentos são a consequência da procura de **respostas racionais** para esta curiosidade, i. e., da tentativa para explicar os fenómenos que compõem o mundo e de encontrar as suas causas. O movimento dos planetas ou a origem da vida na Terra são apenas alguns dos exemplos de problemas para os quais temos procurado respostas, fundamentadas na **observação cuidada, controlo experimental** e na **razão**. E fazemo-lo com espírito crítico: daí a avaliação das teorias através de testes experimentais ser tão importante nestes casos: os novos dados que possamos obter podem obrigar-nos a rever as teorias e a melhorá-las ou substituí-las.

Mas, se a filosofia e a ciência partilham um objectivo comum - o conhecimento -, os problemas de que se ocupam são muito diferentes. Os problemas que acabo de referir são **empíricos**, i. e., nascem da tentativa de explicar **factos**. Para tentar resolvê-los, os cientistas são obrigados a recorrer a *hipóteses*; depois, submetem essas hipóteses a **testes experimentais**: é o resultado dessas experiências que vai determinar se uma hipótese é verdadeira ou falsa. Mas os problemas da filosofia não podem ser investigados através de métodos empíricos. Não é uma experiência de laboratório que nos poderá dizer se a vida tem sentido, se Deus existe, se a procura da felicidade é o fim último que deve orientar os seres humanos ou se existe algo ainda mais importante, i. e., que valorizamos mais, do que ser feliz, por

exemplo. Estas são perguntas tipicamente filosóficas: apenas podemos tentar responder-lhes recorrendo à nossa capacidade natural para pensar. A possibilidade de basear na razão apenas, e não na experiência, a resposta a certos problemas não nos deve espantar. Afinal, para calcularmos o valor de  $x$  na equação  $4x + 2 = 0$  é precisamente isso que fazemos. Quando um problema pode ser resolvido tendo apenas a razão com fundamento estamos perante um estudo ou investigação **a priori**. É fácil compreender porquê: a actividade filosófica consiste não numa tentativa para explicar **factos** mas em analisar e reflectir sobre **ideias**: os seus problemas são **conceptuais**.

Podemos, portanto, distinguir a filosofia de ciências como a física ou a biologia usando dois critérios: (1) o diferente género de problemas tratados pelas ciências empíricas e pela filosofia; (2) as diferentes formas de os investigar. O primeiro critério diz-nos que a natureza dos problemas é distinta em cada um dos casos: a filosofia investiga problemas conceptuais, as ciências empíricas estudam problemas empíricos. O segundo critério diz-nos que as ciências empíricas se distinguem da filosofia por recorrerem à experiência, enquanto a filosofia (como a matemática) é uma disciplina *a priori*. Esta distinção baseia-se portanto no facto de estarem em causa em cada caso diferentes **objectos de estudo** e também diferentes **métodos de investigação**.

**3.** Parece claro a que estamos a referir-nos quando se fala em problemas empíricos. Mas o que são problemas conceptuais?

**RESPOSTA** Os problemas conceptuais surgem quando nos interrogamos sobre os conceitos que usamos. O objectivo é o de nos compreendermos melhor a nós próprios e às nossas ideias, *esclarecê-las* e se possível encontrar para elas definições consensuais, capazes de orientarem a nossa vida prática. É, por exemplo, natural interrogarmo-nos sobre como as sociedades deveriam estar organizadas para serem realmente justas. Ao perguntar *O que é uma sociedade justa?* queremos saber como deveria estar organizado o Estado e qual o seu papel na sociedade, de que modo deve estar distribuída a riqueza, etc. Perguntas deste tipo obrigam-nos a reflectir sobre os nossos conceitos de bem e de justiça, e acerca da maneira de os aplicarmos, dando origem a muitos debates de ideias. Mas também podemos querer saber algo mais abstracto – por exemplo: o que é a verdade? Dizemos que certas afirmações, frases, proposições, crenças, etc. são verdadeiras. Muito bem. Mas que tipo de característica será a verdade? Podemos defini-la? Um terceiro e último exemplo: o problema da existência de Deus. Serão o mal e o sofrimento que encontramos no mundo compatíveis com a existência de um Deus bom e todo poderoso? Ou há algo de errado no conceito teísta de Deus (um ser criador, sumamente bom, todo poderoso e onisciente)? É que, se Deus é bom, não deseja o mal nem pode ser a sua fonte; se é todo poderoso podia ter criado um mundo em que o mal não existisse. Como explicar então que o mal exista? Este é um problema conceptual pois a existência do mal parece pôr em causa a ideia que os teístas fazem de Deus. Em qualquer dos três casos, é com um problema filosófico que nos confrontamos.

**4.** Explique-nos a relação entre a natureza conceptual dos problemas filosóficos e a filosofia ser um estudo *a priori*.

**RESPOSTA** Precisamos da experiência se quisermos recolher informação sobre factos. Mas se a curiosidade nos fizer colocar problemas conceptuais a experiência deixa de ser necessária. Para clarificar os conceitos que usamos basta *reflectir* sobre eles de modo a determinar que consequências se seguem do modo como os definimos, que relações mantêm com outros conceitos próximos, etc. Vejamos um

exemplo. Se pensarmos que o bem e o mal são conceitos relativos a cada sociedade e definirmos o bem como aquilo que é socialmente aprovado, ficamos comprometidos com a ideia de que tudo o que é socialmente aprovado é um bem e tudo o que é um bem é socialmente aprovado. Mas será que esta é uma consequência aceitável? Será que o racismo deve ser considerado por nós um bem se, por hipótese, a nossa sociedade o aprovar? Será que as sociedades não se podem enganar acerca do bem e do mal, embora possam enganar-se acerca da idade e origem do universo, das causas do cancro ou dos ciclones? Estas perguntas ilustram o género de reflexão que se pode fazer *a priori* e os problemas correspondentes. Podemos estudar estes problemas **a priori** porque não estamos a analisar factos, mas sim **ideias**, ou seja, conceitos.

5. Por que razão precisamos de argumentos em filosofia?

**RESPOSTA** Em filosofia discutem-se ideias. Por isso, são necessários argumentos para justificar as ideias que defendemos. Um argumento dá-nos as razões em que nos apoiamos para considerar verdadeira ou falsa uma proposição que queiramos afirmar ou discutir. Num debate de ideias existem quase sempre vários pontos de vista que merecem ser considerados. É normal que assim seja: se existisse um só ponto de vista não haveria discussão (nem problema algum). A possibilidade de haver diferentes perspectivas mostra que há várias hipóteses de resolver um problema, e é por não sabermos qual das respostas possíveis é a verdadeira que o problema existe. Isto, é claro, também acontece nas ciências. Mas o trabalho científico consiste em grande medida em propor hipóteses empiricamente testáveis e em avaliá-las; a diferença, neste ponto, está apenas no carácter não empírico dos problemas filosóficos. O debate e a troca de argumentos servem para tentar chegar a um consenso em torno do ponto de vista mais satisfatório, isto é, o que melhores razões tem para apresentar em sua defesa. Não se discute por discutir. Discute-se para chegar à verdade. E sempre que este objectivo for demasiado optimista, é já um grande avanço se conseguirmos descobrir o que há de errado nas teorias existentes.

6. Qual a relação entre os problemas, as teorias e os argumentos filosóficos?

**RESPOSTA** Os **problemas** filosóficos referem-se ao que queremos compreender; resultam da nossa curiosidade. As **teorias** filosóficas são as respostas que ao longo da história foram ensaiadas para esses problemas. Os **argumentos** são aquilo em que as teorias se apoiam. Os argumentos dão-nos as razões em nome das quais uma teoria é considerada verdadeira ou falsa. Discutir uma teoria filosófica consiste, portanto, em analisar os argumentos dados em sua defesa. Como a filosofia é um estudo *a priori* e não um estudo empírico, não é em nome da experiência que uma teoria pode ser aceite ou rejeitada. Decidir se a teoria é verdadeira depende apenas dos argumentos propostos em sua defesa. (Haverá, ou não, objecções que se possam colocar-lhes?) Assim, **os argumentos estão para a filosofia como a experiência está para as ciências empíricas.**

7. O que significa dizer que a filosofia é uma actividade crítica?

**RESPOSTA** Reflectir sobre os problemas filosóficos exige uma **atitude crítica**. E ter uma atitude crítica consiste em abordar cada problema tentando pôr de lado os nossos preconceitos, i. e., enfrentando-os com a preocupação de *justificar* todas as afirmações que estejamos dispostos a considerar falsas ou verdadeiras. Para isso,

precisamos de *fundamentar* os nossos pontos de vista, indicando claramente as razões em que nos baseamos. Mas justificarmo-nos não é suficiente. Convém que essas razões não estejam sujeitas a objecções que as ponham em causa. Perante qualquer teoria, devemos perguntar: (1) será que a teoria é verdadeira?; (2) que argumentos a apoiam?; (3) será que se justifica aceitá-los ou podem ser postos em causa? Serão argumentos válidos? As suas premissas serão **todas** verdadeiras ou algumas serão falsas? Quando se discutem ideias, é preciso ter em conta que nem todos os pontos de vista são iguais ou têm o mesmo valor. Não basta uma pessoa acreditar numa afirmação para essa afirmação ser verdadeira. Ter uma atitude crítica significa distinguir o verdadeiro do falso, pensar por si próprio com espírito aberto e reconhecer que se os outros podem enganar-se, também nós podemos estar errados.

Para reflectirmos sobre o que é a moral, a beleza, a justiça, a liberdade, o sentido da vida, etc., precisamos de o fazer livremente. Por vezes, agimos como se tivéssemos ideias firmes e claras sobre estes conceitos. As religiões dão-nos também respostas de um certo tipo sobre os problemas que estes conceitos levantam. Contudo, a filosofia exige respostas que sejam exclusivamente baseadas em razões - e não na fé ou na opinião da maioria (por muito respeitáveis que sejam). É este o principal desafio colocado pela filosofia: pede-nos que vivamos racionalmente, isto é, que sujeitemos as nossas convicções a um exame racional. Podemos entretanto descobrir que a resposta mais racional é aquela que está de acordo com a maioria ou com determinada religião. Mas podemos também descobrir algo diverso. Simplesmente, não podemos abdicar do espírito crítico.

**8.** Como a filosofia é um estudo *a priori* não precisamos de informação empírica para tratar os problemas filosóficos. Será verdade?

**RESPOSTA** Não é verdade. A filosofia é um estudo *a priori*, onde a decisão acerca da melhor teoria sobre qualquer assunto que estejamos a debater deve ser tomada analisando todos os argumentos em disputa e escolhendo os melhores – isto é, os que melhor resistem às objecções colocadas pelo nosso espírito crítico. Por exemplo, não podemos aceitar argumentos inválidos. Mas, mesmo um argumento válido pode ser rejeitado, se as suas premissas não forem todas verdadeiras. Mas isso não torna inútil toda a informação empírica. É claro que para discutir e tentar esclarecer o conceito de arte, precisamos saber que existem obras de arte e conhecer um pouco sobre história da arte. Para se compreender e discutir as razões a favor e contra a existência de Deus, devemos conhecer o que dizem sobre o conceito de Deus as diferentes religiões. Nenhuma destas coisas pode ser alcançada sem recolha de informação, sem nos basearmos no que os historiadores têm a dizer. E é claro que a História é uma disciplina empírica. Precisamos desse conhecimento. Mas, **por si só**, ele não nos dá resposta ao problema de saber o que é a arte. Nem responde ao problema de saber se são os crentes que têm razão, se são os ateus. Quando se diz que a filosofia é um estudo *a priori* isso significa que a solução de um problema filosófico não pode ser encontrada através da experiência, e não que toda a informação empírica que nos possa ajudar a compreender melhor o problema seja dispensável.

Paulo Ruas